

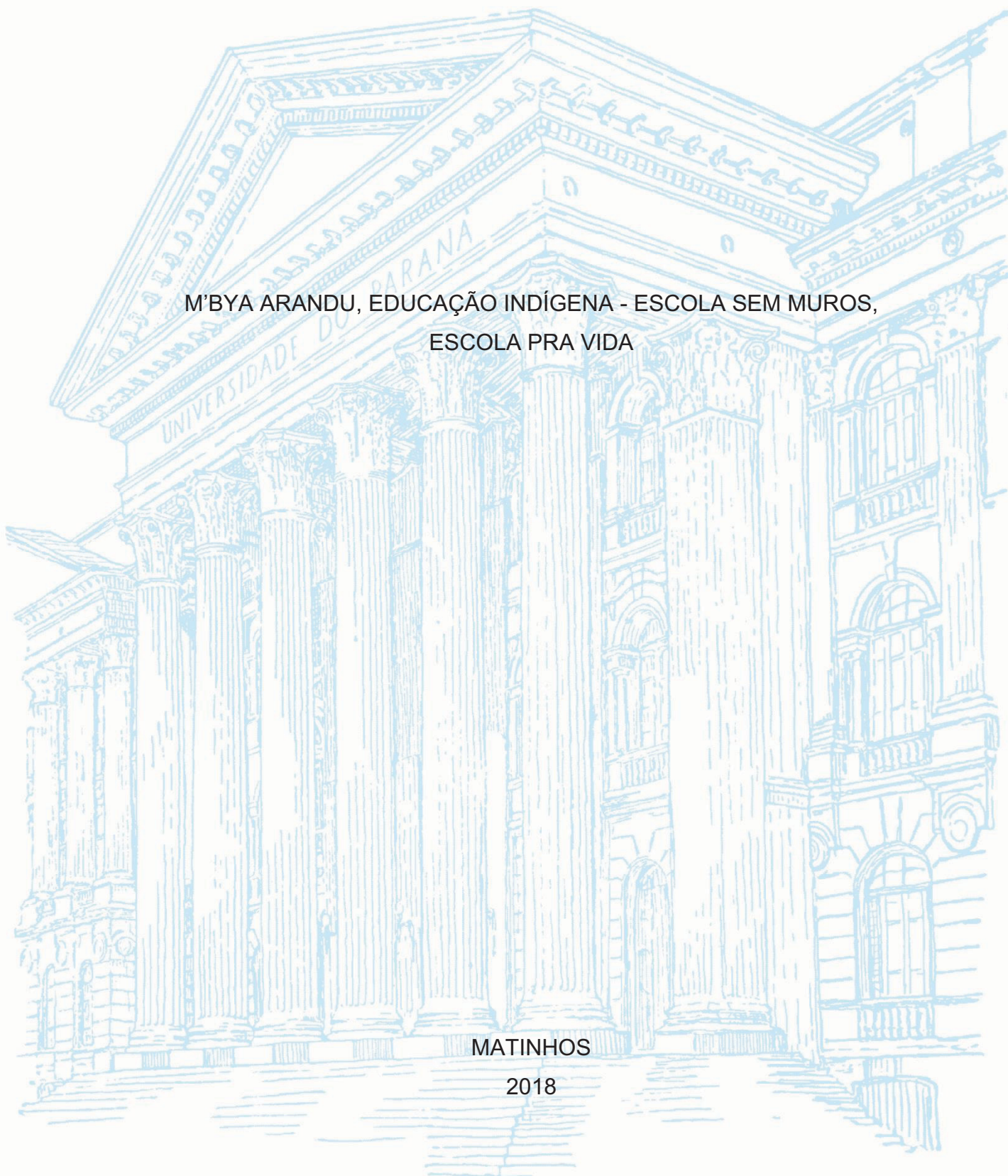
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LANDIR DE CASTRO SOUZA

M'BYA ARANDU, EDUCAÇÃO INDÍGENA - ESCOLA SEM MUROS,
ESCOLA PRA VIDA

MATINHOS

2018



LANDIR DE CASTRO SOUZA

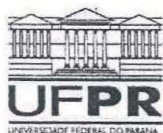
M'BYA ARANDU, EDUCAÇÃO INDÍGENA - ESCOLA SEM MUROS,
ESCOLA PRA VIDA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor de litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2018



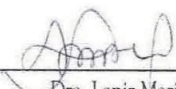
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO

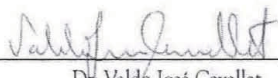



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

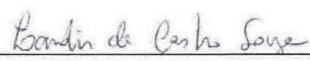
Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Lenir Maristela Silva**, realizaram em 28 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante **Landir de Castro Souza**, sob o título "M'BYA ARANDU, EDUCAÇÃO INDÍGENA - ESCOLA SEM MUROS, ESCOLA PRA VIDA", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de *Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADO".

Matinhos, 30 de junho de 2018.


Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Orientadora


Dr. Valdo José Cavallet
Professor Integrante


MSc. Susan Regina Raitz Cavallet
Professora Integrante


Landir de Castro Souza
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

AGRADECIMENTOS

A meus pais que me incentivaram todos esses anos, mostrando a importância dos estudos.

Agradeço aos povos indígenas, que têm nos últimos séculos, nos ensinado a lutar e a resistir.

A todos da ANE, pela construção dessa linda história.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente a sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que esse ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem “distanciar-se” para admirá-la, e assim, transformá-la, faz dele um ser “fora” do tempo ou “sob” o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ser “seria” um perpétuo presente.

Um eterno hoje.

(PAULO FREIRE, Educação e Mudança, 1979)

RESUMO

Os povos indígenas sofreram e ainda sofrem processos de ataques que secularmente os tem levado ou a sua dizimação, ou a um estado de vida miserável, tendo piorado nos últimos governos. A escola indígena, no atual sistema capitalista, seguindo as diretrizes do estado burguês, cumpre papel de manter a continuação dos ataques aos povos indígenas. As ações realizadas na Aldeia Araçaí, buscaram interagir a escola M'bya Arandu e a comunidade indígena, com aulas teóricas e práticas, buscando desenvolver e elevar a consciência dos indígenas, de que é possível através da luta pelo fortalecimento da identidade, pelo resgate da cultura, construir com suas próprias mãos uma vida melhor. As ações buscaram desenvolver a autonomia, combater o assistencialismo, retornar à agricultura, resgatar a prática de trabalhar com a terra, plantação de hortas e fruteiras. Fortalecer o coletivo aproximando os estudantes, professores e pais, para que pudessem dialogar e atuar sobre os problemas da comunidade e juntos pudessem diagnosticar os maiores problemas e resolvê-los.

Palavras-chave: Autonomia. Agricultura. Coletivo.

ABSTRACT

Indigenous people suffer and continue to be attacked by has led them to their decimation, or to a state of miserable life. Having worsened in recent governments. An indigenous school, not a current capitalist system, following the instructions of the bourgeois state, plays a role in maintaining the continuation indigenous peoples. The advanced actions in Aldeia Aracaí, the M'bya Arandu school and the indigenous community, with theoretical and practices, seeking to develop and raise awareness of indigenous peoples, The power of the struggle for the strengthening of identity, for the rescue of culture, Your hands are a better life. The actions sought develop autonomy, combat welfare, return to agriculture, to recover a practice of work with earth, planting of gardens and fruit trees. Strengthen the collective for students, teachers and parents so that dialogue and action on community issues and together diagnose the biggest problems and solve them. .

Keywords: Autonomy. Agriculture. Collective.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – VENDA DE ARTESANATO INDÍGENA NA II CONANE CAIÇARA , UFPR LITORAL, JUNHO DE 2017.	Erro! Indicador não definido.
FIGURA 2 – AULA PRÁTICA NA HORTA, ABRIL DE 2018.....	15
FIGURA 3 – AULA PRÁTICA NA HORTA, AGOSTO DE 2017	17
FIGURA 4 – AULA PRÁTICA NA HORTA, AGOSTO DE 2017	18
FIGURA 5 – AULA PRÁTICA, PLANTAÇÃO DE BANANEIRAS. SET. 2017.....	18
FIGURA 6 – APRESENTAÇÃO DA ANE E UFPR LITORAL. SET. 2017.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MEMÓRIA DE VIDA	10
3 M'BYA ARANDU, EDUCAÇÃO INDÍGENA - ESCOLA SEM MUROS, ESCOLA PRA VIDA	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

A Aldeia Araçaí esta situada no município de Piraquara, estado do Paraná, da etnia Guarani, foi fundada no ano de 1999, vivem na aldeia atualmente cerca de 100 indígenas, 15 famílias. A grande maioria das famílias vive com recursos da bolsa-família, de doações, da venda de artesanato, e um pouco de caça e pesca. A luta diária é pela sobrevivência, por manter viva suas raízes culturais, resistindo a imposição da ideologia burguesa, da cultura capitalista, do consumismo, tendo como seu maior inimigo o estado burguês.

Desde a chegada dos invasores europeus ao Brasil, como também aos outros países da América Latina, um processo de destruição do modo de vida, da cultura dos povos originários desses territórios foi sendo implementado, como coloca Mariátegui, (2008, p.34):

[...] o trabalho coletivo e o esforço comum eram frutiferamente empregados nos fins sociais.

Os conquistadores espanhóis destruíram, naturalmente sem poder substituir, essa formidável máquina de produção. A sociedade indígena e a economia incaica se descompuseram e se aniquilaram completamente sobre o golpe da conquista. Rompidos os vínculos de sua unidade, a nação se dissolveu em comunidades dispersas. O trabalho indígena deixou de funcionar de forma solidária e orgânica. Os conquistadores quase só se ocuparam de distribuir e disputar entre si o fértil botim de guerra. Despojaram os templos e palácios, dos tesouros que esses guardavam; repartiram entre si as terras e os homens, sem se preocuparem por seu futuro, como forças e meios de produção.

Nesse contexto de destruição da identidade dos povos indígenas, de sua cultura, a escola cumpre importante papel, sempre a serviço dos interesses dos exploradores.

No processo da educação pública, como em outros aspectos da nossa vida, constata-se a superposição de elementos estrangeiros combinados, insuficientemente aclimatados. [...] A educação nacional, por conseguinte, não tem um espírito nacional: em vez disso tem um espírito colonial e colonizador. Quando, em seus programas de educação pública, o Estado refere-se aos índios, não se refere a eles como peruanos iguais aos demais. Considera-os como uma raça inferior. Nesse terreno, a república não se diferencia do vice-reinado. (MARIÁTEGUI, 2008, p.116).

A escola tem potencial de se colocar a aplicar a técnica, os conhecimentos científicos, avançar na busca pelo progresso, pela liberdade, pelo avanço na qualidade da saúde, da vida, porém, na sociedade capitalista, dividida em classes

sociais, ela é objeto de manutenção da opressão e do atraso, como coloca Pistrak: (2000, p.30):

A escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes. Mas estas não tinham nenhum interesse em revelar o caráter de classe da escola: as classes dirigentes não passavam de uma minoria, uma pequena minoria, subordinando a maioria a seus interesses, e é por isso que se esforçavam para mascarar a natureza de classe da escola, evitando colaborar na destruição de sua própria dominação.

Ao contrário, um dos problemas da revolução social é exatamente o de mostrar a natureza de classe da escola no contexto de uma sociedade de classes.

A escola do estado burguês numa aldeia indígena, quando tem implementadas suas diretrizes, suas grades curriculares, é inimiga, é a aplicação dos interesses das classes dominantes, é a destruição do modo de vida indígena, de sua ideologia, para a hegemonia da cultura capitalista, buscando “civilizá-los”, ou seja, novos consumidores para seus produtos, garantindo assim o “sagrado” lucro das classes dominantes.

Uma escola que sirva aos interesses do povo, que esteja vinculada a vida da comunidade, assim, a real importância da escola, será reconhecida. Tanto na cidade, como no campo, os povos indígenas, os camponeses pobres, os quilombolas, no campo e os moradores pobres das periferias das grandes cidades, devem lutar por uma escola que sirva a seus interesses.

O trabalho social principal do professor e da escola deve constituir na melhoria constante da agricultura, da economia rural e das condições de vida do camponês; o trabalho deve ser feito com *a ajuda da escola e através dela*. Na medida em que atender às necessidades do agricultor, a escola se tornará indispensável para ele, podendo desempenhar um grande papel em toda a sua vida; e assim veremos desaparecer a desconfiança que é manifesta aqui e ali em relação a ela. Quando o camponês perceber que a escola é útil, que o ajuda a melhorar sua vida e seu trabalho, [...] Constata-se, então, que o problema essencial é aproximar a escola das necessidades da economia e da vida camponesas. (PISTRAK, 2000, p.70).

2 MEMÓRIA DE VIDA

Sou o segundo de quatro filhos, minha mãe é costureira e meu pai pedreiro, nasci numa cidade do interior do Ceará, Pentecoste. Mesmo com pouco estudo, meus pais, minha mãe principalmente, sempre fizeram enorme esforço para que os filhos estudassem, uma coisa que nos ajudou foi que tínhamos um excelente colégio público, com excelentes professores a duas quadras de casa, e, além disso, frequentávamos, quase que diariamente, a biblioteca municipal e gostávamos de ler muitos gibis, livros e revistas. Aos 19 anos mudei de cidade, fui morar na capital, Fortaleza, morar na Casa do Estudante, local que me abriu as portas de uma nova vida, estudei Agronomia. Morei em alguns estados do Brasil, e hoje moro no Paraná, mas mantenho forte vínculo com minhas raízes, minha família, meus amigos.

No ano de 2006, participei de uma experiência, onde um grupo de professores e estudantes da Universidade Federal do Ceará, viajou à Cabo Verde na África, foi uma experiência que mudou a minha vida, passamos duas semanas, aprendendo e como também repassamos conhecimentos e experiências sobre ações no semiárido sobre hortaliças e caprinocultura.

Tive a experiência de morar e ser professor de EJA, durante três anos num acampamento de camponeses em luta pela terra em Pernambuco, outra experiência que marcaria minha vida pra sempre.

Desde o ano de 2016, sou professor contratado na escola indígena M'bya Arandu, na Aldeia Araçaí, em Piraquara – PR.

3 M'BYA ARANDU, EDUCAÇÃO INDÍGENA - ESCOLA SEM MUROS, ESCOLA PRA VIDA

Foram realizadas diversas ações na aldeia por mim, pela professora Mayara, como também outros estudantes do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação - ANE.

No ano de 2017, foi um ano de muita dificuldade na aldeia, um dos projetos da escola a comunidade do trabalho com artesanato, onde os professores levariam e venderiam na cidade o artesanato e trariam alimento para a aldeia (FIG.01)..

**Figura 1 – Venda de artesanato indígena na II Conane Caiçara, UFPR
Litoral, Junho de 2017.**



(Fonte: arquivo pessoal)

Ao ingressar no Curso de Especialização em março de 2017 surgiu a demanda de criação de um projeto com ações na comunidade ou escolas de nossa atuação. A ação proposta por mim foi a do trabalho ligado ao aprendizado da agricultura pelos indígenas em função da necessidade deles de segurança alimentar, já que o hábito de agricultura na comunidade não fazia parte do cotidiano dos indígenas.

Buscar a interação entre homens e mulheres com a natureza, tem sido uma procura desde a tomada de consciência por parte dos seres humanos, para suprir suas necessidades vitais, tem-se colocado a transformar a natureza, essa busca é desde então parte essencial para a vida.

No modelo de sociedade no qual vivemos atualmente, capitalista, onde a classe burguesa e sua ideologia tem o domínio dessa sociedade, a educação, a escola, são dirigidas, são pensadas por interesses dessa classe e das demais classes dominantes, em relação as classes dominadas, como os operários e os camponeses.

A ciência, o conhecimento científico, instrumento essencial para o avanço da humanidade, na sociedade capitalista é aprisionado, prostituído. Hoje no atual modelo de escola, o que prevalece é a burocracia, não existe um interesse por um pensamento crítico, uma escola atuante na resolução dos problemas das pessoas seja efetivada, isso seria um problema para as pessoas que dominam, que governam.

O conhecimento, a ciência, em sua essência, deve ser livre, deve estar a serviço do avanço da humanidade, isso só será possível se a essência dessa nova sociedade, ao invés do lucro, priorize a vida. Em uma nova escola, pensada em libertação, em estar diretamente ligada a resolver os problemas da vida dos seres humanos, a busca pela produção, pela transformação, deve fazer parte do projeto da escola, das aulas no dia-a-dia.

Na realidade da escola M'bya Arandu, temos discutido a necessidade de uma escola voltada pra vida, que atue diretamente na busca pela atuação na resolução dos problemas vivenciados no dia-a-dia da aldeia, um deles é a produção de alimentos, a produção agrícola. Devido a aldeia estar situada em uma reserva florestal, como também outros fatores, como a presença de animais, o assistencialismo, o tipo de solo, a cultura de produzir alimentos foi ficando esquecida, chegando ao ponto de quase não se produzir alimento na aldeia.

No ano de 2016, iniciamos uma horta escolar, como modelo, que pudesse servir de exemplo para outras iniciativas. Apesar de muitas dificuldades, foi bem interessante, pudemos debater sobre sementes, sobre os solos, sobre os tipos de hortaliças, trabalhamos em coletivo, estudantes e professores pra limpar a área, tirar madeira no mato, fazer a cerca, preparar os canteiros, a compostagem, etc. Vários professores se colocaram a construir a horta, conseguiram sementes, mudas, bandejas pra germinação de sementes. No ano de 2018 a horta continua, de lá já podemos retirar para fortalecer a merenda da escola: cebolinha, salsinha, pimentão, alface, couve, abóbora, cenoura, pimenta, apesar de ainda ser em pequena quantidade. Algumas iniciativas foram tomadas, temos mais algumas hortas e algumas pessoas pegaram sementes pra plantar, as crianças são as mais atuantes e interessadas.

Buscamos abranger o debate da produção, com bastante dificuldade, mas temos caminhado, entrando aí a proposta da realização de um Dia de Campo na Aldeia Araçaí, onde englobasse a horta, a produção de banana, e uma agrofloresta. Um dia onde envolvemos a escola, a comunidade, trazer especialistas nos assuntos, os estudantes e professores da especialização debatermos os conhecimentos, como também realizarmos um trabalho prático nesse dia, como plantação de mudas. A proposta para o Dia de Campo, foi dia 16 de setembro de 2017, sábado, período da manhã, a atividade foi para 30 pessoas.

Nesses próximos meses vamos intensificar os debates e práticas, durante as aulas, para atuarmos mais nessas atividades de produção agrícola, na busca por autonomia da aldeia (FIG 02, 03, 04, 05). Fortalecer a horta, retomar as atividades com produção de mudas de bananeiras e iniciarmos as atividades da agrofloresta, limpeza da área, para que no Dia de Campo, já tenha algum trabalho iniciado, daí poderíamos avaliar os erros e acertos do que já foi feito.

As escola e universidades, na sociedade burguesa, dão importância exagerada às formatações, a qualidade das escritas, que muitas vezes não dizem nada, estão ai suas bibliotecas transbordando de “conhecimentos” inúteis, nunca utilizados. Enquanto o conhecimento estiver somente dentro das paredes das salas de aula, sem sua devida aplicação, não teremos uma transformação na realidade.

Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão, se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua. Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. Se esse olha e percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques.(...) (FREIRE, 1979, p.10).

Figura 2 – Aula prática na horta. Abril 2018.



(Fonte: arquivo pessoal)

Figura 3 – Aula prática na horta. Agosto 2017.



(Fonte: arquivo pessoal)

Figura 4 – Aula prática na horta. Agosto 2017



(Fonte: arquivo pessoal)

Figura 5 – Aula prática, plantação de bananeiras. Set. 2017.



(Fonte: arquivo pessoal)

Uma das ações realizadas na aldeia também foi a apresentação da ANE, como também do curso de graduação da UFPR Litoral, Educação do Campo, que ocorreu no dia 05 de setembro de 2017, pelas professoras Lenir e Vanessa, no qual resultou no ingresso de vários indígenas na UFPR Litoral (FIG 06).

Figura 6 – Apresentação da ANE e UFPR Litoral. Setembro 2017.



(Fonte: Arquivo pessoal)

O método atual de ensino, está ultrapassado, mas é esse o seu objetivo, uma escola que sirva ao povo, ao avanço da vida do povo, deve levar em consideração uma educação por projetos, atuando não só na teoria, mas na prática, na vida:

[...] A terceira conclusão diz respeito à passagem da escola à vida. Como já dissemos anteriormente, a atividade prática das crianças permite a passagem quase invisível, dos bancos das escolas para uma participação efetiva na vida prática. Particularmente, a etapa de “projetos” ou de “iniciativa” modifica o caráter tradicional de “fim dos estudos”. Temos ainda o hábito de impor aos alunos que chegaram aos fins de seus estudos escolares a passagem por um purgatório de provas de todos os tipos e nomes: composições, trabalhos trimestrais, trabalhos práticos, revisão dos conhecimentos, etc., simples camuflagens dos exames infernais! Sempre, e sem que se possa evitar esse mal, um término de escolaridade deste tipo comporta uma quantidade ininterrupta de noções puramente teóricas extraídas de apostilas, e, mais ainda, trata-se de um trabalho puramente verbal e formal, um amontoado de conhecimentos especialmente tendo em vista o exame. (PISTRAK, 2000, p.95.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência demonstrou que através de uma escola atuante, interessada em se envolver nos problemas da comunidade, é possível avançar na formação e consciência dos estudantes, para que atuem de forma mais organizada e coletiva, que a escola tem um grande potencial, se, em parceria com a comunidade, diagnosticarem e se organizarem para resolver os problemas da aldeia, combater a situação miserável pela qual vivem muitas famílias nas aldeias indígenas, promover a autonomia indígena, buscando maneiras de não depender somente dos assistencialismos, das doações.

O resultado desse processo é um crescimento na autoestima dos estudantes e interesse no fortalecimento das plantações para o resgate da cultura, das comidas típicas, como também o interesse de repassar para os mais jovens os conhecimentos tradicionais, mantendo viva a milenar cultura guarani.

A interação da universidade, dos colégios das cidades, com a cultura indígena, além de apoio na construção e fortalecimento da autonomia indígena, pode proporcionar aos não-índios um exemplo de um outro modo de vida, de uma outra cultura, principalmente em relação ao respeito à natureza.

REFERÊNCIAS

MARIATEGUI, J. C. **Sete ensaios da interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PISTRAK, **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12^o ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.